



14ª edição

Jair Vitória

Botina Velha, o escritor da classe



Ilustrações: Roberto Weigand
Conforme a nova ortografia

 **Atual**
Editora

Série Entre Linhas

Editor • Henrique Félix

Assistente editorial • Jacqueline F. de Barros

Preparação de texto • Lúcia Leal Ferreira

Revisão de texto • Pedro Cunha Jr. (coord.)/Elza M. Gasparotto/

Maria Cecília Kinker Caliendo/ Célia Regina do N. Camargo

Gerente de arte • Nair de Medeiros Barbosa

Coordenação de arte • Marco Aurélio Sismotto

Diagramação • Lucimar Aparecida Guerra

Projeto gráfico de capa e miolo • Homem de Melo & Troia Design

Coordenação eletrônica • Sílvia Regina E. Almeida

Suplemento de leitura • Maria A. V. S. Pereira

Projeto de trabalho interdisciplinar • Lúcia Leal Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Vitória, Jair, 1943-

Botina Velha, o escritor da classe / Jair Vitória;
ilustrações Roberto Weigand. — 14ª ed. — São
Paulo : Atual, 2009. — (Entre Linhas: Sociedade)

Inclui roteiro de leitura.

ISBN 978-85-357-0301-6

1. Literatura infantojuvenil I. Weigand,
Roberto. II. Título. III. Série.

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

10ª tiragem, 2017

Copyright © Jair Vitória, 1995.

SARAIVA Educação S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221 – Pinheiros

CEP 05425-902 – São Paulo – SP – Tel.: (0xx11) 4003-3061

www.editorasaraiva.com.br

atendimento@aticascipione.com.br

Todos os direitos reservados.

CL: 810355

CAE: 602680

Sumário

Juvenal e seu mundo difícil 5

Um sonho de menino 9

A dureza do pai 12

A professora Mariângela 16

Vovô Amaro 20

O Pavão Misterioso 23

Os colegas de classe 26

A volta do Botina Velha 30

O Botina Velha descalço 33

Leôncio, o Boca Maldita 37

As goiabas 42

Suor e chuva 45

Domingo e roça 49

A narração 52

Tinha de ser forte 55

Vovô Amaro na lama 60

Doutor Juva tem cabeça 63

Vai receber o prêmio, Botina Velha?! 66

Férias para trabalhar 70

Decisão e ação do vovô Amaro 74

O primeiro dia de aula do quarto ano 79

Professor Tiago 83

O Botina Velha tá importante! 87

Menino, estudante, trabalhador 91

Um livro! Que presente! 94

Você quer ir para São Paulo comigo? 97

Um explodir de inspiração 100

O Juvenal vai pra São Paulo com o professor? 103

A queda do vovô Amaro 105

A gente é povo da roça 108

Vem chegando a hora... 111

O autor 115

Entrevista 117



Para

MARIA CRUZ, minha professora do 3º ano primário
e que um dia me chamou de escritor da classe.

BENÍCIO DE CARVALHO, meu professor do 4º ano
primário, com gratidão pelo incentivo aos estudos.

Juvenal e seu mundo difícil



Juvenal recebeu o livro com os olhos brilhando de alegria.

Sorriu. Ia ser mais uma aventura emocionante viajar pelas páginas daquele livrinho de cordel: *O Pavão Misterioso*. O outro menino disse:

– Você nunca vai esquecer essa história, Juvenal. Você que gosta de ler. Mas não deixa ninguém pegar.

– Eu sei, Toninho. Você sabe que eu cuido bem.

Contemplou a capa do livrinho. Como era bom poder comprar livros e poder ler! Pensou no pai. Pensou na sua vidinha apertada, dura. O pai teimando para que ele saísse da escola. Ele, doido para continuar estudando. Não estava nada fácil aquela situação. Quanto mais passava o tempo, mais o menino mergulhava no encantamento do estudo.

Saindo de Aldeota, a cidadezinha, o menino atirou uma carreira para alcançar as irmãs Elisa e Maura e o irmão Alceu. Tinha ficado

para trás a fim de pegar o livrinho com o filho do barbeiro da rodoviária, o Toninho. Outros colegas iam também pela estrada.

– Ói só *O Pavão Misterioso*, molecada!

– Vai ler isso, Juvenal? – um colega perguntou.

– É claro!

– Eu só olho a capa.

– Leio alto até pro vovô Amaro escutar.

– Juvenal não pode ver um livro que fica doidinho querendo pegar pra ele – Elisa falou.

Mas em Aldeota não havia biblioteca nem livraria. Apareciam gibis e fotonovelas em quadrinhos. Poucas pessoas possuíam livros. Havia livros de literatura de cordel na papelaria do Carmino, mas Juvenal não podia comprar. O pai não dava dinheiro e era até contra aquele gosto pela leitura que o filho tinha inventado de sentir.



Era mês de outubro e o tempo quente bafejava poeira. O pai queria que o Juvenal já tivesse abandonado o grupo. Já tinha feito o primeiro semestre do terceiro ano primário e isso estava bom demais. Os dois filhos mais velhos tinham terminado somente o segundo ano. Juvenal tinha emburrado que queria continuar estudando e estava conseguindo. Depois que tinham mudado para perto de Aldeota, a vida parecia mais risonha. Ali ele podia pegar o diploma primário. Nas duas escolinhas da roça por onde tinha passado, quem ia mais longe terminava apenas o terceiro ano. Aldeota, empoeirada e tosca, parecia um luxo para o menino da roça.

Depois de cinco quilômetros estava a casa de pau a pique, barreada. O córrego cantarola nos fundos. Pelos arredores, as roças. A mãe, magra e conformada com a vida.

– O seu pai falou pra você levar uma cabaça d’água, Juvenal. É pra almoçar e ir logo.

– Sei.

Sol de depois do meio-dia. A barriga cheia e aquela vontade gostosa de tirar um cochilo e depois ir para a beira do córrego, ficar debaixo daquele sangue d’água e ler a história do Pavão Misterioso.

Ler alto aqueles versos rimados, declamando. Ler para os matos e depois ir abaixando a voz até ficar cansado. Depois acompanhar a aventura com a imaginação. Aquela magia e aquele encantamento desenhando um outro mundo.

Apanhou a cabaça e foi encher de água. Pensou na professora Mariângela. Joia de professora que ultimamente tinha passado a chamá-lo de escritor da classe. A primeira vez que ouviu aquilo:

– O Juvenal é o escritor da classe, turma. Tem uma imaginação fecunda que só vendo! Ouçam a narração dele. Eu corrigi, é claro, pois está cheia de erros, mas o que importa é a ideia.

O que era escritor? Será que era o tabelião do cartório que vivia escrevendo? Quando descobriu o que significava aquilo, ficou todo orgulhoso. Ele tinha jeito para escrever. Tinha inteligência e alguma coisa mais que os outros alunos não tinham.

– Se você pudesse estudar, Juvenal, seria uma ótima coisa na sua vida.

Ele ficou olhando para a professora. O pensamento voou da escola para as roças.

– Se você pudesse ir para uma cidade onde há ginásio, colégio, faculdade. Não só o primário. Isso é muito pouco.

Um colega zombou:

– O ginásio dele vai ser a roça, dona Mariângela. O pai dele já tá querendo tirar ele da escola este ano mesmo.

– Isso eu não vou permitir. Vou conversar com o pai dele e dizer que ele está fazendo uma grande ingratidão com um menino desses. Vou convencer seu pai a deixar você terminar pelo menos o primário, Juvenal. Por que ele está querendo tirar você da escola?

– Pra levar pra roça.

– Que isso! Que falta de mentalidade!

O tal colega falou:

– O pai dele falou que fazendo o segundo ano já tá bom.

– Tá bom uma ignorância.



Juvenal pensou tais coisas rodando o sarilho da cisterna. Pensou nos poucos meninos de Aldeota que os pais mandavam estudar fora.

Alguns iam para o Dom Bosco, em Monte Aprazível. Ele sabia de dois que estavam em Ribeirão Preto. Um em São José do Rio Preto. Duas mocinhas em Taquaritinga. Aqueles sim deviam aproveitar belamente o acesso ao mundo dos estudos. Que inveja! Certamente nunca iria ter uma oportunidade daquelas.

Caminhou mais dois quilômetros carregando a cabaça. Viu o pai empoeirado, trabalhando com uma plantadeira puxada por um cavalo.

– Por que demorou tanto assim, Juvenal?

– Não demorei...

– Agora você vai puxar o cavalo no lugar do João Carlos.

Era tempo de plantar. O serviço começava a aumentar. O pai poderia tentar tirá-lo da escola agora. Já vinha falando nisso...

Não muito longe dali vovô Amaro trabalhava. Velho de sessenta e dois anos. Acabado, magro, alegre. Pai da mãe. Por causa daquele gosto do Juvenal pelos estudos, vovô Amaro costumava dizer brincando:

– Dr. Juva. Esse menino tem cabeça!

E ficava ouvindo o menino ler aqueles versos simples de literatura de cordel. Gostava. Prestava uma atenção de gato sondando um passarinho pra pegar. O velho morava na mesma casa. Era o maior ouvinte das leituras do menino.

– Eu não tenho estudo e vivo bem, Altina.
– Vive que nem burro de carga dos outros, na ignorância.
– Que burro de carga! Tanto homem por aí que tem o diploma e tá na mesma situação minha. Na minha família e nem na sua não tem ninguém estudado.

– Mas pode ter o Juvenal. É o gosto dele.
– Menino de treze anos já tá na hora de sair da escola. O serviço dele é que vale. Amanhã não vai pra escola não, Juvenal.

O menino coçou o pescoço. Sentiu-se como se tivesse sido derrotado na batalha mais importante da sua vida. Vovô Amaro soltou uma grossa baforada e ficou calado. A mãe foi para a cozinha. Parece que os irmãos mais velhos gostaram. Juvenal estava tendo privilégios demais.

A noite quente mandava notícia de chuva dos lados do horizonte sul. Juvenal queria ler alguns versos do *Pavão Misterioso*, inclusive para o avô ouvir. Mas agora tinha perdido o fio da inspiração. Tudo estava sem graça. O pai vivia censurando aquela sua mania de ler sob a luz pálida da lamparina. Não porque poderia estragar a vista, mas porque gastava querosene. No dia seguinte não poderia mais ir para o Grupo Escolar de Aldeota. Queria aprender mais, muito mais. Depois de ter tomado banho e estar preparado para mostrar ao avô *O Pavão Misterioso*, recebia um choque daqueles, nem tinha mais ânimo para falar nisso. Ele era o escritor da classe, mas não iria poder escrever mais. Não iria mais ficar orgulhoso com os elogios da professora.

Não quis ouvir mais prosa na sala. Foi para o quarto quase trombando com as paredes. Arrastando uns chinêlões feitos de botinas velhas. Sentou-se na cama.

“Quando eu tiver dezoito anos, vou embora de casa. Vou pra uma cidade grande. Vou pra São Paulo ou pro Rio de Janeiro. Vou estudar.”

A mãe entrou no quarto e o encontrou com o queixo apoiado na mão direita. Os olhos brilhando como se preparassem futuras lágrimas.

– A gente é pobre, Juvenal. Pode estudar mesmo não. Tem recurso não.

– Eu queria terminar o grupo, mãe.

– Já sabe bastantinho. Você lê bem. Sabe muito.

– Sei nada não, mãe. Escrevo tudo errado.

Um conhecido acabara de chegar. O pai soltou uma gargalhada. Vovô Amaro riu também. O cheiro de fumaça de fumo de corda espalhava pela casa. A mãe saiu do quarto e o menino esticou-se na cama. Os irmãos mais velhos entraram com cara de gozação.

– Doutor Juva... – Maurilo falou.

– Doutor Juvenal da enxada – João Carlos zombou.

– Então o doutor já perdeu o diploma?

– Nem pegou, João Carlos.

Juvenal virou para o canto. A vontade era pegar um chinelão daqueles e atirar contra os irmãos e xingar o que sabia. Elisa entrou no quarto e falou:

– O papai mandou buscar a lamparina. Vai ler, Juvenal?

– Não.

Ficou sozinho no escuro. Na sala havia uma prosa animada e ele sempre gostava de ouvir, mas naquela noite não estava para nada. *O Pavão Misterioso* estava no bernal de material da escola. Aquela capanga tinha de ser colocada de lado. Símbolo de uma vontade machucada. Quase morta. Agonizante. Estudar era belo. Aprender era maravilhoso. Os livros tinham o poder de mostrar um outro mundo. Coisas desconhecidas. Um livro era um mágico que trabalhava no cérebro dele. Um companheiro-amigo que ia ensinando as coisas sem cobrar nada. Por que será que os irmãos não gostavam dos livros? Por que outros alunos iam à escola obrigados? E por que ele, o Juvenal, um caboclinho filho de pais analfabetos, tinha sentido amor pelos livros? Tinha sentido aquela atração inexplicável, aquele encantamento que o chamava constantemente para a descoberta de novas coisas, e sobretudo para o contato com a beleza das palavras e com a emoção do prazer intelectual?

Chorou e molhou o travesseiro. Talvez não conseguisse nem terminar o primário, mesmo. O que é que se havia de fazer? Ora, restava a esperança de que a professora Mariângela pudesse convencer o pai de que ele deveria continuar estudando. Deveria terminar pelo menos aquele ano. Deveria tirar pelo menos o diploma do primário.

A dureza do pai



De manhãzinha a fumaça do cigarro de palha do vovô Amaro dava bom-dia. Um mau dia aquele. Carrancudo como o Juvenal. Nuvens grossas e aquela umidade no ar.

– Não tem mais escola não, Juvenal. Já chega. Vai encher a moringa d’água. Só as meninas e o Alceu é que vão.

Procurou um jeito de conversar com a Elisa.

– Fala pra dona Mariângela que o papai me tirou da escola. Mas não conta pra ninguém, não. Nem deixa o papai saber.

– Sei.

Elisa, Maura e Alceu foram para a escola. Juvenal seguiu para a roça. Não era ruim estar indo para a roça; era ruim não estar indo para a escola. As botinas velhas nos pés. Aquela do pé esquerdo calcanhada, tombada para dentro. A do pé direito descosturada atrás, saindo do pé. Precisava cortar tiras de couro cru e costurar. Sempre fazia aquilo com as botinas, pois elas ficavam tão velhas que iam caindo aos pedaços. E ficava descalço também.

– Doutor Juva saiu da escola. Seu pai é cabeçudo. Quando você crescer, se quiser estudar, é só ir pra uma cidade grande.